

RESILIÊNCIA E COPING EM CASAIS DE FAMÍLIAS EM CONTEXTO DE RISCO. UMA PERSPECTIVA DO MODELO SALUTOGÊNICA

RESILIENCE AND COPING IN COUPLES OF FAMILIES IN RISK CONTEXT. A PERSPECTIVE OF THE SALUTOGENIC MODEL

Correia Hermenegildo Correia¹

RESUMO: A resiliência tem sido reconhecida como um processo comum e presente no desenvolvimento de qualquer ser humano (MASTEN, 2001). Contudo, faz-se necessária uma análise ecológica, a fim de investigar a maneira como as pessoas percebem e enfrentam as adversidades decorrentes dos processos proximais, bem como a influência do contexto e do tempo em que estão vivendo (CECCONELLO, 2003). Este artigo procura analisar a resiliência em casais de famílias afetadas por desastres naturais em Moçambique, dentro de um contexto de vulnerabilidade decorrente dos efeitos do desastre natural, IDAI, ocorrido em Março de 2019. A abordagem é qualitativa, assente na revisão bibliográfica de literaturas do tema em estudo. As fontes de investigação são: Google Académico; Libgen; Mendeley Reference Manager e Scielo. O estudo incide em casais da comunidade de Savane, distrito de Dondo, Província de Sofala, região centro de Moçambique. Assume-se no estudo que as mudanças climáticas são consideradas o maior e mais complexo desafio da contemporaneidade, sendo as mesmas traduzidas em projeções científicas que delineiam cenários de grande impacto para todas as formas de vida na terra (IPCC, 2018). Moçambique é considerado um país propenso aos desastres naturais, devido a sua localização geográfica. Toma-se a abordagem sistémica para explicar a resiliência e *coping* em casais, a relação que se estabelece entre os elementos da família e o contexto, partindo da explicação dos vários cenários em que os casais atravessam os momentos de desastres naturais e que são levadas para os centros de reassentamento “transição ecológica”, de certa forma não tendo privacidade e são obrigadas a viver em condições precárias. Conclui-se que essa conceituação não faz referência ao impacto da família no indivíduo, mas, encara a família como uma unidade coletiva cujos resultados também são de interesse da mesma.

Palavras-chave: Resiliência. Coping. Casais. Família e Modelo Salutogênica.

¹ Docente da Universidade Licungo-Moçambique; Licenciado e Mestre em Psicologia Educacional pela Universidade Pedagógica de Moçambique & Doutorando em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO) Brasil. Bolseiro da CAPES. Doutorando em Psicologia Clínica na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO). Psicólogo, Docente e Investigador da Universidade Licungo-Moçambique. Áreas e temáticas de interesse a investigar: Estresse; Transtornos mentais; violência; grupos vulneráveis; Trauma; Depressão; Angústia; Mudanças no ciclo de vida familiar; Desenvolvimento e Saúde Psicológica. E-mail: ccorreiahermenegildo@gmail.com

ABSTRACT: Resilience has been recognized as a common process present in the development of any human being (MASTEN, 2001). However, an ecological analysis is necessary in order to investigate the way people perceive and face the adversities arising from proximal processes, as well as the influence of the context and time in which they are living (CECCONELLO, 2003). This article seeks to analyze the resilience in couples of families affected by natural disasters in Mozambique, within a context of vulnerability arising from the effects of the natural disaster, IDAI, which occurred in March 2019. The approach is qualitative, based on the bibliographic review of literature from the topic under study. Research sources are: Google Scholar; Libgen; Mendeley Reference Manager and Scielo. The study focuses on couples from the community of Savane, district of Dondo, Province of Sofala, central region of Mozambique. It is assumed in the study that climate change is considered the greatest and most complex challenge of contemporary times, and these are translated into scientific projections that outline scenarios of great impact for all forms of life on earth (IPCC, 2018). Mozambique is considered a country prone to natural disasters, due to its geographical location. A systemic approach is taken to explain resilience and coping in couples, the relationship that is established between family members and the context, starting from the explanation of the various scenarios in which couples go through moments of natural disasters and are taken to the “ecological transition” resettlement centers, in a way, lack privacy and are forced to live in precarious conditions. It is concluded that this conceptualization does not refer to the impact of the family on the individual, but views the family as a collective unit whose results are also of interest to the family.

Keywords: Resilience. Coping. Couples. Salutogenic Family and model.

INTRODUÇÃO

Este artigo procura analisar a resiliência em casais de famílias afetadas por desastres naturais em Moçambique. O estudo incide em casais da comunidade de Savane, distrito de Dondo, Província de Sofala, região centro de Moçambique. Assume que as mudanças climáticas são consideradas o maior e mais complexo desafio da contemporaneidade, sendo as mesmas traduzidas em projeções científicas que delineiam cenários de grande impacto para todas as formas de vida na terra (IPCC², 2018). Moçambique, é considerado um país propenso aos desastres naturais devido a sua localização geográfica (INGC³, 2009). Toma-se a abordagem sistémica para explicar a resiliência dos casais, assumindo a relação que se estabelece entre os elementos da família e o contexto, partindo dos pressupostos dos vários cenários em

²Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas - (No texto a sigla está em inglês: IPCC).

³ Instituto Nacional de Gestão de Calamidades – Moçambique, atual INGD – Instituto Nacional de Gestão de Desastres.

que os casais atravessam momentos de desastres naturais e são levadas para os centros de acomodação “transição ecológica”, de certa forma não tendo privacidade e são obrigadas a viver em condições precárias.

No entanto, os processos de resiliência requerem compreensão dinâmica e interacional dos fatores de risco e de proteção. O foco usado pela psicologia, que tradicionalmente relaciona os fatores de risco com o que vai “mal” na vida das pessoas, faz com que muitos profissionais, sobretudo, aqueles que trabalham com populações em situação de risco pessoal e social, enfatizem o determinismo social e o “fatalismo”. Neste sentido, destaca-se a necessidade de que essas populações passem a ser vistas não simplesmente como vítimas de um sistema social injusto, ao invés disso, reforçam a atitude de resgatar e fortalecer (emponderamento) as dimensões sadias dessa pessoa, as quais possibilitam a luta e a superação das situações de risco. Ultrapassam, assim, o determinismo social, o preconceito e os estereótipos macrossistêmicos, marcados por um discurso que ressalta e supervaloriza deficiências e prejuízos, e que está pouco atento às estratégias utilizadas para superar as adversidades enfrentadas (POLETTO & KOLLER, 2008, p.410).

Há uma necessidade de sublinhar que fatores de risco relacionam-se com eventos negativos de vida e, quando presentes aumentam a probabilidade do indivíduo apresentar problemas físicos, sociais ou emocionais (COWAN et al., 1996). Por exemplo, os efeitos dos desastres e catástrofes naturais (COELHO, ADAIR & MOCELLIN, 2004). Numa análise tradicional, esses estressores eram concebidos de maneira estática, ou seja, na presença de quaisquer um deles já eram previstas as consequências indesejáveis (POLETTO & KOLLER, 2008). Portanto, tomando como exemplo, a desvantagem socioeconômica, embora sabido que pobreza, conflito familiar e abuso são prejudiciais, há evidência de que estes fatores se constituirão um risco ou não, dependendo do comportamento e dos mecanismos por meio dos quais os processos de risco operarão seus efeitos negativos na família e/ou na comunidade como um todo (COWAN et al., 1996). Assim, a relação das pessoas com eventos estressores passa por variados graus de ocorrência, intensidade, frequência, duração e severidade. Portanto, o impacto dos eventos estressores é ainda determinado pela forma como eles são percebidos pelo indivíduo ou grupo familiar e dependerá dos seus processos psicológicos e características individuais. Porém, a

identificação de fatores de risco que acentuam ou inibem distúrbios, transtornos e respostas desadaptadas, no entanto, deve ser realizada em consonância com fatores de proteção ou suporte social, que podem desencadear processos de resiliência (KOLLER & De ANTONI, 2004).

PERSPETIVA DA RESILIÊNCIA

A resiliência é um conceito originário da física, ciência na qual este constructo é definido como a capacidade de um material absorver energia sem sofrer deformação plástica. Em psicologia este conceito está superado, pois uma pessoa não pode absorver um evento estressor e voltar à forma anterior. Ela aprende, cresce, desenvolve e amadurece (POLETTO & KOLLER, 2008, p. 408). Esta perspectiva teórica está associada à uma redução na ênfase, na patologia e um aumento nas forças (RAK & PATTERSON, 1996). Os psicólogos e assistentes sociais recentemente pediram um afastamento dos modelos de vulnerabilidade ou *déficit* para focar em temas diante da adversidade. Esse apelo, ao foco nos pontos fortes, é paralelo ao de um número de outros pesquisadores em desenvolvimento infantil, sociologia médica e educação. O potencial significado teórico, empírico e político do paradigma proposto muda de doença para saúde, de vulnerabilidade para prosperidade, de *déficit* para proteção e não deve ser subestimado. O precedente para essa mudança de paradigma está crescendo na literatura científica (VAN BREDA, 2011, p. 2). O que é conceituado na literatura sobre resiliência, no entanto, é um tipo de resiliência compassiva, flexível e em contato com a vida, e que promove a capacidade de se recuperar, sem desconsiderar a dor, que muitas vezes, faz parte da vida (SCHWARTZ, 1997).

Conforme observado na literatura, ao longo do tempo, houve uma mudança em ver as famílias como o contexto da resiliência do indivíduo para considerar as famílias como uma unidade de resiliência em si mesma e depois se preocupar com a resiliência em nível de comunidade (NICHOLS, 2013, p.3). Essas nem sempre foram transições claras: Caplan (1982) via a família como um sistema de apoio a cada membro da família “na verdade, esse era um sistema de resiliência individual” Idem. Pesquisas referentes à resiliência voltadas à psicologia enfatizaram que o equilíbrio psíquico em resposta às adversidades da vida consistia em uma característica

intrínseca, propriamente humana, presente em algumas pessoas. Neste sentido, a resiliência estava inicialmente associada à invulnerabilidade, o que favorecia o processo de enfrentamento vivenciado pelas pessoas ao longo da vida (SANTOS, 2016, p.25).

Atualmente, a resiliência tem sido reconhecida como um processo comum e presente no desenvolvimento de qualquer ser humano (MASTEN, 2001). Contudo, faz-se necessária uma análise ecológica, a fim de investigar a maneira como as pessoas percebem e enfrentam as adversidades decorrentes dos processos proximais, bem como a influência do contexto e do tempo em que estão vivendo (CECCONELLO, 2003). Portanto, como construto psicológico, toma dimensões a partir de processos que explicam a superação de adversidades e neste sentido, pode-se sugerir que o conceito de resiliência busca tratar de fenômenos indicativos de padrões de vida saudável. Pensar a vida saudável leva-nos além da perspectiva do indivíduo tomado de forma isolada, alcançando assim, a dinâmica das relações que são tecidas nos mais diversos contextos nos quais interage (YUNES, 2003, p. 46). Assim, a resiliência pode ser assumida como processo e neste sentido, é associada a um conjunto de fenômenos articulados entre si e que se desenvolvem durante a trajetória de vida das pessoas e se manifestam em contextos afetivo e sociocultural (CYRULNIK, 2001, p.18).

HAWLEY & DEHAAN (1996) conceituaram o papel da família como duplo, podendo ser considerado em termos positivos e negativos. Por um lado, o papel da família é o de proteger, apoiar, sustentar e incentivar a resiliência dos seus membros, por outro lado, esse papel inclui o fornecimento de riscos, ou seja, o aumento da vulnerabilidade dos membros da família, por exemplo a possibilidade de abuso, exposição a doenças e de outros fatores que acompanham a vida nas famílias (NICHOLS, 2013). Trazendo essa discussão, tomando em consideração os momentos de crise e dificuldades que os casais de famílias das comunidades afetadas pelos desastres naturais em Moçambique atravessam, faz-se necessário discutir os modelos de resiliência familiar para observar o quanto as relações diádicas dentro do contexto de riscos condicionam a resiliência do indivíduo e simultaneamente da família. Importa salientar que existem três fatores que norteiam a resiliência como processo: (1) a aquisição de recursos internos que se desenvolvem desde os primeiros meses de

vida da pessoa; (2) o tipo da agressão sofrida durante a vida que a marca e/ou a carência o seu estado afetivo e, principalmente, o significado da marca do contexto social em que a pessoa cresce e se desenvolve; (3) os espaços de afeição, atividade e de diálogo presentes na sociedade, os quais constituem suportes de resiliência (CYRULNIK, 2001, p.19). Ao defender a resiliência como processo, o autor deixa claro que ela se expressa a partir da evolução da história do sujeito, mediante às relações sociais e culturais com as quais ele interage e se desenvolve como ser humano (SANTOS, 2016, p. 27).

A RESILIÊNCIA E OS FATORES DE RISCO

A resiliência, como processo, considera que os recursos internos do sujeito interagem com o contexto em que ele está inserido. No entanto, a resiliência não está disponível na realidade do sujeito, muito menos garantida pela simples interação com o meio, como se o tempo condicionasse o processo de enfrentamento da adversidade vivenciada. Isto porque as interações da pessoa em contextos são mediadas pelas diferentes formas em que as circunstâncias se apresentam, pelas especificidades do contexto e das características da pessoa frente à adversidade (SANTOS, 2016, p.28).

BENETTI & CREPALDI (2012, p.16) [...] a resiliência conduz a outros fenômenos que interagem de forma constante. Estes fatores agem em seu processo como fatores protetivos ou de risco, facilitando e potencializando (positiva ou negativamente) os eventos presentes na vida do indivíduo [...]. A resiliência por ser um conceito multifacetado, contextual e dinâmico (MASTEN, 2001), no qual os fatores de proteção têm a função de interagir com os eventos de vida e acionar processos que possibilitem incrementar a adaptação e a saúde emocional (POLETTO & KOLLER, 2008, p. 408). Neste sentido, pondera que a resiliência não é uma característica ou traço individual, mas sim, processos psicológicos que devem ser cuidadosamente examinados (RUTTER, 1999). Assim, a resiliência não é uma característica fixa, ou um produto; que pode ser desencadeada e desaparecer em determinados momentos da vida do indivíduo, bem como estar presente em algumas áreas e ausente em outras (POLETTO & KOLLER, 2008, p. 409). A resiliência pode ser entendida, portanto, não somente como uma característica da pessoa, como capacidade inata, herdada por alguns “privilegiados”, mas a partir da interação

dinâmica entre as características individuais e a complexidade do contexto ecológico (YUNES, 2003).

RESILIÊNCIA FAMILIAR

O grupo familiar tem um papel fundamental na constituição dos indivíduos, sendo importante na determinação e na organização da personalidade, além de influenciar significativamente no comportamento individual através das ações e medidas educativas tomadas no âmbito familiar (DRUMMOND & DRUMMOND, 1998). Nesta perspectiva, a família tem como finalidade, estabelecer formas e limites para as relações instituídas entre as gerações mais novas e as mais velhas (SIMIONATO-TOZO, 1998), propiciando a adaptação dos indivíduos às exigências do conviver em sociedade. Desta forma, a instituição familiar é muitas vezes, designada como o primeiro grupo social do qual o indivíduo faz parte (TALLÓN et al., 1999), sendo vista portanto, como célula inicial e principal das sociedades na maior parte do mundo ocidental (BIASOLI-ALVES, 2004). É vista ainda, como a unidade básica da interação social (OSÓRIO, 1996) e como o núcleo central da organização humana. Em Moçambique, apesar de ser um contexto diferente do ocidental, a família também é considerada a primeira instituição de orientação dos indivíduos.

O ciclo vital evolutivo da família é dinâmico (OSÓRIO, 1996), por ser marcado tanto por eventos críticos previsíveis (nascimento, adolescência, casamento dos filhos, entre outros) quanto por eventos críticos não previsíveis (separação, doenças, perdas, entre outros), os quais criam grande impacto no contexto familiar, provocando um aumento da pressão e uma desorganização dentro deste contexto. Fatos que podem acabar influenciando direta ou indiretamente no processo de desenvolvimento da família (SCABINI, 1992). Assim, os eventos estressantes podem levar a família à disfunção por várias gerações posteriores. Retratam uma situação de aumento das tensões familiares eventos tais como: morte prematura, nascimento de uma criança deficiente, enfermidade, acidente, entre outros (MARTINS, RABINOVICH & SILVA, 2008). Portanto, isso quer dizer que os eventos que marcam o ciclo evolutivo da família, tanto previsíveis quanto imprevisíveis,

provocam uma crise no funcionamento da família, a qual necessita ser solucionada para que haja a manutenção da saúde familiar (SCABINI, 1992).

Além disso, a família exerce um papel importante na vida dos indivíduos (OSÓRIO, 1996), sendo um modelo ou um padrão cultural que se apresenta de formas diferentes, nas várias sociedades existentes e que sofre transformações no decorrer do processo histórico-social. Assim, a estruturação da família está intimamente vinculada ao momento histórico em que atravessa a sociedade da qual ela faz parte, uma vez que os diferentes tipos de composições familiares são determinados por um conjunto significativo de variáveis ambientais, sociais, econômicos, culturais, políticos, religiosos e históricos. A percepção do processo das mudanças climáticas e o impacto dos “desastres naturais”, é algo que começa a ser discutido e percebido desde as primeiras relações que o indivíduo mantém no núcleo familiar, demonstrando o quão é importante cuidar do meio ambiente em que vivemos, e se não cuidarmos, as consequências podem afetar os outros parâmetros do contexto, tais como a comunidade, cidade e até o mundo em geral. Neste sentido, é importante analisar as relações que as famílias estabelecem dentro do seu nicho ecológico, sua relação com vizinhança, amigos dentro do mesmo bairro e na comunidade em geral, com vista a promover resiliência e saúde psicológica individual e ou familiar.

A resiliência da família se refere a processos de enfrentamento e sua adaptação como uma unidade funcional (NICHOLS, 2013, p. 4). É caracterizada como o caminho que uma família segue ao se adaptar e prosperar diante do estresse, tanto no presente quanto ao longo do tempo e estas famílias resilientes tendem a responder positivamente a essas condições de maneira única, dependendo do contexto, nível de desenvolvimento, a combinação interativa de riscos, fatores de proteção e as suas perspectivas compartilhadas (HAWLEY & DEHAAN, 1996, p. 293). Por outro lado, pode-se referir à resiliência familiar como os padrões comportamentais positivos e a competência funcional em que os indivíduos e a unidade familiar demonstram em circunstâncias estressantes ou adversas, que prejudicam a sua capacidade de recuperação, mantendo sua integridade como unidade assegurada e quando necessário, restaurar, o bem-estar dos membros da família e da sua unidade como um todo (MCCUBBIN & MCCUBBIN, 1996, p. 265).

COPING ou Estratégias de Enfrentamento

O estudo do enfrentamento ao estresse foi dividido em duas áreas: antecipação de eventos estressantes futuros e recuperação de traumas. Essas áreas foram mantidas notavelmente distintas na teoria e na pesquisa sobre enfrentamento. Embora existam diferenças claramente importantes entre os dois casos, optou-se por não enfatizar essa distinção. Portanto, para qualquer estresse, antecipação e recuperação nem sempre são claramente separáveis ou seja, quando estamos diante de uma situação estressante, a forma como agimos, em função das particularidades psicológicas individuais, dificilmente conseguimos perceber os atos distintos de evitar ou de recuperar; Por conseguinte, lidar com um trauma envolve chegar a um acordo com o próprio evento e com a ameaça de recorrência no futuro (ROTH & COHEN, 1986 p.813).

Seria útil se pudéssemos evitar todas as situações estressantes, mas isso é praticamente impossível. Todos enfrentamos pressão no cotidiano, por exemplo no trabalho, aborrecimentos diários, a morte de um membro da família e assim por diante. Como não podemos escapar do estresse, precisamos aprender a lidar efetivamente com nossos estressores (HUFFMAN et al., 1997 p.425). Portanto, LAZARUS & FOLKMAN (1984) definem o enfrentamento ou *coping* como esforços cognitivos e comportamentais em constante mudança para administrar as demandas externas e ou internas específicas que são avaliadas como excedendo o recurso da pessoa. Portanto, o enfrentamento ou *coping* compreende os mecanismos em que o indivíduo utiliza que lhe permitem lidar de forma adequada, ou não, com as situações indutoras de estresse (PEREIRA, 2006).

PERSPETIVA SALUTOGÊNICA

Simultaneamente com a abordagem dos pontos fortes da família, houve outras ênfases focadas na saúde e em elementos positivos, no que diz respeito ao desenvolvimento e funcionamento individual e familiar (NICHOLS, 2013, p.11). Antonovsky (1987) introduziu o conceito de salutogênese para entender o desenvolvimento da saúde, uma orientação positiva em vez da perspectiva patogênica que já havia prevalecido em grande parte anteriormente, e também contribuiu com a

perspetiva de um senso de coerência, que desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento contínuo da teoria e pesquisa da resiliência familiar (ANTONOVSKY, 1998). Assumindo os vários cenários que os casais de famílias das comunidades afetadas pelos desastres naturais atravessam em Moçambique, isto é, perdas de infraestruturas, perda de entes queridos, viver nos centros de acomodação sem as mínimas condições de sobrevivência e alternativas para tal, o desequilíbrio emocional e afetivo, essas famílias necessitam de suporte social e quiçá de uma terapia familiar.

Ao mesmo tempo, a ênfase na terapia familiar e na pesquisa relacionada, bem como no desenvolvimento de modelos relativos à sua resiliência, estava deixando de ver a família e os pais como fontes de problemas, em direção às suas contribuições positivas para a resiliência (NICHOLS, 2013, p. 11). Portanto, outros caminhos importantes, mas diferentes, que contribuíram para o amadurecimento da teoria da resiliência familiar foram a rota de estresse e trauma adotadas por Charles Figley e outros (FIGLEY & MCCUBBIN, 1983) e não menos importante a terapia familiar funcional (SEXTON & ALEXANDER, 2003), um modelo terapêutico baseado em evidências desenvolvido para trabalhar com adolescentes de risco e suas famílias. Assim, a adaptação da abordagem do ciclo de vida familiar de Carter & McGoldrick (2005) também tem sido altamente influente entre os terapeutas de família, trazendo uma combinação de ênfases individuais, familiares e comunitárias (NICHOLS, 2013, p.12).

METODOLOGIA

O artigo constitui-se de uma revisão de literatura científica relevante ao tema abordado. As publicações procederam, sobre tudo, de fontes como Google Académico, refseek, worldcat, Springer, Scielo, pdfdrive, duckduckgo e Libgen. Os descritores empregados foram: Resiliência, Coping, Famílias em contexto de risco e Modelo Salutogênica e deu prioridade as publicações mais recentes possível. Procurou-se utilizar trabalhos que discorressem sobre a resiliência e coping em casais de famílias em contexto de risco, tomando a perspetiva salutogênica, sob olhar dos desastres naturais, nos idiomas inglês e português que contivessem em seus títulos as palavras resiliência, coping, riscos e desastres naturais e modelo salutogênica.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

No Centro de Reassentamento de Savane existe um total de 153 famílias, o que corresponde a um total de 573 pessoas⁴. Estas famílias, na sua maior parte, são de baixa renda, perderam quase tudo, e sentiram-se obrigadas a abandonar as suas zonas de origem e por orientações governamentais, viram-se a reassentarem-se no centro de Savane. Esta zona possui pouquíssimas condições para a sobrevivência das famílias. Diferentes ONGs⁵ apoiaram as famílias com propostas de recuperação dos meios de vida, tendo recebido assistência em atividades de geração de renda (NAÇÕES UNIDAS MOÇAMBIQUE, 2022). Portanto, a pesquisa de Komarovsky (1940) sobre o desempregado na família, demonstrou como estas lidavam com a depressão e identificavam as qualidades das que conseguiram sobreviver com êxito a essa experiência crítica. Portanto, Burgess (1937) agrupou crises que ameaçam perturbar as famílias em três categorias: 1) mudança de *status*, 2) conflito entre os membros na concepção de seus papéis e 3) perda de membros da família por partida, por deserção, por divórcio ou por morte. Angell usou os conceitos de integração familiar e adaptabilidade familiar (NICHOLS, 2013, p. 5). Portanto, estes conceitos permitem de forma breve demonstrar os vários cenários em que os indivíduos atravessam e deve ser percebido do ponto de vista sistémico em que a família, como sendo considerada a primeira entidade social, promove o ajustamento emocional, contribuindo assim para a resiliência. Os casais de famílias das comunidades afetadas por desastres naturais atravessam momentos de crises por perder quase tudo; suas habitações, ente-queridos e são submetidos a viver em ambientes difíceis, “zonas de reassentamento”, com escassez de condições básicas para a sua sobrevivência.

O modelo de resiliência familiar pressupõe a atitude e a característica comportamental da família, face a uma demanda estressora. Neste sentido, a família é tida como o núcleo protetor do indivíduo e influencia para a sua resiliência, ou seja a discussão da resiliência deve ser vista na perspectiva sistémica, indivíduo, família e meio social ou contexto. Apesar de existirem tantos e vários modelos de resiliência

⁴ Moçambique: Ciclone Tropical Idai, avaliação multi-sectorial da localização – Ronda 5; Coleção de dados no período de 24 até 27 de Maio de 2019, INGC. Em Maio 2019, os dados foram atualizados e o centro de Savane, conta com um total de 157 famílias, correspondente a 573 pessoas.

⁵ Organizações não-governamentais

familiar, citamos apenas a perspectiva salutogênica pelo fato de ajudar a entender melhor o estudo e promover no indivíduo e a família o *coping*, como esforços cognitivos e comportamentais em constante mudança para administrar as demandas externas e ou internas específicas que são avaliadas como excedendo o recurso da pessoa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os desastres naturais causam nas famílias afetadas ou casais, uma série de efeitos e desequilíbrios psicológicos. Estes grupos, por se encontrarem em momentos críticos, mobilizam a resiliência como mecanismo de sobrevivência. Neste sentido, a família por ser considerada o núcleo protetor do indivíduo, influencia para a sua resiliência. A resiliência familiar é um construto de nível familiar que considera a família como a unidade de análise para entender os fatores de risco e proteção que sustentam a adaptação e o funcionamento saudáveis da família como um todo. A resiliência deve ser considerada não como um construto estático aplicado a algumas famílias e não a outras, mas como caminhos únicos que as famílias podem ocorrer em respostas específicas. É importante considerar a resiliência como processo que ocorre no presente e ao longo prazo, pois muitos fatores inicialmente protetores ou úteis para as famílias podem colocar a família posteriormente em risco e isso implica que a aparência da resiliência e como será avaliada, poderá se diferenciar de acordo com o estresse específico. A família, por mais estruturada que seja, deve ser entendida como o terreno onde o sofrimento intrapsíquico, relacional, transgeracional e cultural está enraizado, bem como o melhor caminho a ser usado para uma intervenção com o objetivo de atribuir significado e direção a pessoas bloqueadas ou processos de subjetivação desviados em situações em que até a identidade cultural é confusa, incerta ou danificada. (GRASSI, 2014, p. 234).

A maior parte desses casais, por atravessarem momentos de dificuldades, necessitam da intervenção psicológica ou combinações diferentes de terapia de família, tais como, terapia focada na solução, terapia narrativa e ou terapia familiar funcional por formas a reduzir os problemas psicológicos e promover saúde do indivíduo, casal, família e da comunidade no geral. Além disso, outros dois exemplos com foco mais específico representam abordagens contemporâneas e fontes

recomendadas de introdução ao estado atual da terapia baseada na resiliência familiar. (NICHOLS, 2013, p.13). Contudo, pode-se depreender que os casais de famílias afetadas por desastres naturais necessitam de uma variedade de intervenções psicológicas ou terapia familiar por formas a aceitar e promover a saúde psicológica ao nível individual, familiar, social e comunitário, e por via disso, promover a resiliência dos indivíduos e da família como um todo.

REFERÊNCIAS

ANTONOVSKY, A. (1998). *The sense of coherence: An historical and future perspective*. In H. I. McCubbin, E. A. Thompson, A. I. Thompson, & E. J. Froner (Eds.), *Stress, coping, and health in families: Sense of coherence and resiliency* (pp. 3-20). Thousand Oaks, CA: Sage.

BENETTI, C. I & CREPALDI, Maria A. (2012) Resiliência revisitada: uma abordagem reflexiva para principiantes no assunto. In: *Revista Electrónica de Investigación y Docencia (REID)*, 7, Enero, p. 7-30. Disponível em: <<http://www.ujaen.es/revista/reid/revista/n7/REID7arti1.pdf>>. Acesso em: 22 Março. 2020.

BIASOLI-ALVES, Z.M. M (2004). *Pesquisando e Intervindo com Famílias de Camadas Diversificadas*. Em C.R. Althoff, I. Elsen & R.G. Nitschke (Orgs.), *Pesquisando a Família: Olhares Contemporâneos*. Florianópolis: Papa-livro Editora.

CECCONELLO, A. M. (2003). *Resiliência e vulnerabilidade em famílias em situação de risco*. Tese de doutorado não publicado, Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

COELHO, A. E. L., Adair, J. G., & Mocellin, J. S. P. (2004). Psychological responses to drought in Northeastern Brazil. *Revista Interamericana de Psicologia*, 38 (1), 95-103.

COWAN, P. A., COWAN, C. P., & SCHULZ, M. S. (1996). Thinking about risk and resilience in families. In E. M. Hetherington & E. A. Blechman (Eds.), *Stress, coping, and resiliency in children and families* (pp.1-38). New Jersey: Lawrence Erlbaum.

CYRULNIK, B. (2001) **Resiliência**: essa inaudita capacidade de construção humana. Lisboa: Ed. Instituto Piaget.

DRUMMOND, M & DRUMMOND Filho, H. (1998). *Drogas: A busca de Respostas*. São Paulo, Loyola.

FIGLEY, C. R., & MCCUBBIN, H. (Eds.). (1983). *Stress and the family: Coping with catastrophe* (Vol. 2). New York: Brunner/Mazel.

- GRASSI, L (2014). The other, the stranger, the unconscious: Psychoanalysis and multi ethnic therapeutic relationships *In: Nicolò. Anna M., Benghozi, P., Lucarelli. D., Families in transformation. A Psychoanalytic Approach. London, Karnacbooks.*
- HAWLEY, D. R., & DEHAAN, L. (1996). Toward a definition of family resilience: Integrating life-span and family perspectives. *Family Process, 35* , 283-298.
- HUFFMAN, Karen; VERNOY, Mark & VERNOY Judith (1997). *Psychology in action.* New York. John Wiley & Sons, Inc.
- INGC. (2009). Synthesis report. INGC Climate Change Report: Study on the impact of climate change on disaster risk in Mozambique. [van Logchem B and Brito R (ed.)]. INGC, Mozambique.
- IPCC. (2018). Aquecimento Global de 1,5°C. Acessado em: Novembro de 2019. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/2019/07/SPM-Portuguese-version.pdf>.
- KOLLER, S. H., & DE ANTONI, C. (2004). Violência familiar: uma visão ecológica. *In S. H. Koller (Ed.), Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil (pp.293-310).* São Paulo: Casa do Psicólogo.
- LAZARUS, R. S., & FOLKMAN, S. (1984). *Stress, appraisal, and coping.* New York
- MARTINS. Elizabeth Medeiros de Almeida; RABINOVICH. Elaine Pedreira; SILVA. Célia Nunes (2008). Família e o Processo de diferenciação na perspectiva de Murray Bowen: Um estudo de caso. *Psicologia USP. São Paulo, 19 (2), 181-197*
- MASTEN, A. S. (2001). Ordinary magic: resilience processes in development. *American Psychologist, 56 (3), 227-238.*
- MCCUBBIN, M. A., & MCCUBBIN, H. I. (1996). Resiliency in families: A conceptual model of family adjustment in response to stress and crises. *In H. I. McCubbin, A. I. Thompson, & M. A. McCubbin (Eds.), Family assessment: Resiliency, coping and adaptation—inventories for research and practice (pp. 1-64).* Madison, WI: University of Wisconsin.
- NICHOLS, William C. (2013). Roads to Understanding Family Resilience: 1920s to the Twenty-First Century *In: Becvar, Dorothy S, Handbook of Family Resilience, Springer, St. Louis, USA.*
- OSÓRIO, L.C (1996) *Família Hoje.* Porto Alegre, Editora Artes Médicas.
- POLETTTO, Michele; KOLLER, Sílvia Helena (2008). Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estudos de Psicologia I Campinas I 25(3) I 405-416 I julho – Setembro , Porto Alegre, RS, Brasil.*
- RAK, C. & PATTERSON, L. (1996). Promoting resilience in at-risk children. *Journal of Counseling and Development, 74 (4): 368-373.* [Online] Available:

<http://www.valdosta.peachnet.edu/~whuitt/psy702/files/resbuild.html>. [Rev:30/08/1998].

RUTTER, M. (1999). Resilience concept and findings: implications for family therapy. *Journal of Family Therapy*, 21 (2), 119-144.

SANTOS, Regina Lemes dos (2016). Resiliência no Contexto de Alunos Diagnosticados com TDAH à Luz da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. Dissertação do Mestrado. Londrina, PR. 151 f.:il.

SCABINI, E. (1992). Ciclo de vida familiar e de saúde familiar. Manuscrito não publicado. Universidade Católica do Sagrado Coração. Milão, Itália.

SCHWARTZ, R. (1997). Don` t look back. *Networker*, (Mach/April):40-47.

SEXTON, T. L., & ALEXANDER, J. F. (2003). Functional family therapy: A mature clinical model for working with at-risk adolescents and their families. In T. L. Sexton, G. R. Weeks, & M. S. Robbins (Eds.), *Handbook of family therapy* (pp. 323-363). New York: Brunner/Routledge.

SIMINONATO-TOZO, S. M. P. & BIASOLI-ALVES, Z. M. M. (1998). O cotidiano e as relações familiares em duas gerações. *Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação*, 8 (14/15), 137-150

TALLÓN, Maria A. J.; FERRO, Maria J.F.; GOMEZ, Rosário & PARRA, P.(1999). *Evaluacion del clima familiar en una muestra de adolescentes*. *Rev. de Psicol. Gral y Aplicada.*, 52 (4), 453-462

VAN BREDA, Adrian D. (2011). Resilience Assessments in Social Work: The Case of the SA Department of Defence. <http://dx.doi.org/10.15270/47-1-139>.

YUNES, M. A. M (2003). Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, 8 (Esp.), 75-84.